

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9

TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SINTRA, "a bela adormecida" DESPERTOU PARA APLAUDIR IONESCO

FOI há alguns meses, em Paris, onde estávamos em serviço. Comprámos bilhetes para o Teatro do Coliseu, onde se re-

representava um «pseudo-drama» de Eugénio Ionesco. Informámo-nos da rua onde estava instalado, tomámos o Metro, descemos na estação indicada. Enfiámos pela rua e começou o «drama». Não tivemos tempo de jantar e tentávamos tomar um copo de leite depois de localizarmos o teatro. Rua abaixo pelo lado direito, rua acima pelo lado esquerdo — e não era nada pequena a tal rua — e do Coliseu-teatro nada. Segunda volta. Agora

NOÉMIA GIL FARIA

presentava um «pseudo-drama» de Eugénio Ionesco. Informámo-nos da rua onde estava instalado, tomámos o Metro, descemos na estação indicada. Enfiámos pela rua e começou o «drama». Não tivemos tempo de jantar e tentávamos tomar um copo de leite depois de localizarmos o teatro. Rua abaixo pelo lado direito, rua acima pelo lado esquerdo — e não era nada pequena a tal rua — e do Coliseu-teatro nada. Segunda volta. Agora

Um Exemplo!

Por decisão dos proprietários, foi resolvido encerrar o principal Hotel de Espinho.

Cientes de anomalia que prejudicaria gravemente a zona de turismo da «Costa Verde» o Município de Espinho num gesto louvável e que indica o melhor caminho a seguir a bem do turismo nacional, decidiu adquirir o edifício do Hotel e o estabelecimento manter-se-á em funcionamento.

Eis um exemplo que bem poderia servir para a nossa vila.

(Conclui na 4.ª página)

NOTÍCIAS DO ULTRAMAR

Inicia hoje o «Notícias do Algarve» uma nova secção a que se decidiu dar o nome de «NOTÍCIAS DO ULTRAMAR».

De colaboração com a Agência de Notícias «Lusitania», procurará o nosso Jornal dar semanalmente um feixe de notícias de todas as nossas Províncias Ultramarinas, indo assim de encontro a desejos de vários nossos assinantes que em tempos se nos dirigiram, para que iniciássemos uma secção com idêntico propósito.

Luanda — A estimativa sobre a produção de algodão no corrente ano é de 22.000 toneladas, sendo previstas 500 ton. no Congo, 5.500 em Luanda, 1.600 no Cuanza-norte, 15.800 em Namalanga e 200 ton. na Lunda.

Macau — Terminou o Campeonato de Badminton de Macau tendo sido apurado o campeão de Macau, António Hung, na classe de homens.

(Conclui na 2.ª página)

AS INDÚSTRIAS DA PESCA E DAS CONSERVAS NÃO PODEM VIVER ISOLADAMENTE

AFIRMOU O SECRETÁRIO DO COMÉRCIO

Não podem as indústrias da pesca e das conservas viver isoladas uma da outra — declarou o Secretário do Comércio sr. dr.

Gonçalo Correia de Oliveira, ao receber uma comissão de industriais que foi expor àquele membro do Governo alguns assuntos relacionados com a situação actual daquela actividade económica.

A comissão representava as indústrias do Algarve, particularmente atingidas pela crise derivada da concorrência internacional dos fabricantes de conservas de atum.

O dr. Gonçalo Correia de Oliveira preconizou a reorganização

(Conclui na 2.ª página)

FESTIVIDADES DE NOSSA SENHORA DAS DORES EM MONTE GORDO

Têm lugar hoje as tradicionais e concorridas festividades em honra de Nossa Senhora das Dores, que todos os anos se realizam em Monte Gordo.

Do programa, salientamos o seguinte: às 11 horas, missa solene e sermão; às 12, corridas de canoas; às 18, solene procissão de N. S. das Dores, seguindo-se sermão ao recolher da procissão; às 22, concerto pela Filarmónica Artistas de Minerva, de Loulé.

ESTÁTUA DE D. SANCHO I PARA SILVES

O Grupo dos Amigos de Silves tornou pública a pretensão de ser erguida uma estátua de D. Sancho I, na rotunda da nova ponte de Silves. A D. Sancho I deve-se a tomada desta cidade aos mouros.

ESTE 13 DE SETEMBRO!...

A MORTE VIAJAVA NO COMBÓIO 8.012

▶ FAZ HOJE 5 ANOS QUE O «RÁPIDO» DESCARRILOU E O ALGARVE COBRIU-SE DE DOR E DE LUTO

Passa hoje, neste 13.º dia de Setembro, o quinto aniversário da maior tragédia que enlutou o Algarve e que consternou todo o País: o descarrilamento do «rápido» que ceifou muitas vidas e lançou, durante horas e dias, o desespero em quantos tiveram a desdita de o presenciar.

No local onde se verificou o desastre, as ervas bravias continuaram a crescer, e o gado, pachorrento, continua a pastar; a população, então incrédula e pesarosa, deitando pelo peito um grido de dor, que em massa ocorreu ao local, retomou a labuta árdua e fatigante do campo. O tempo, veloz, passou; sucederam-se os invernos que o calendário assinalou — e isto quer dizer que a Vida continua, indiferente a tais banalidades. Sômente aquela pobre mãe chora ainda pelo filho morto na catástrofe: e isto quer dizer que a materialidade da própria Vida não consegue fazer esquecer os que ficaram para sempre sob os escombros, mutilados e irreconhecíveis. Porque neste dia, muitas campas terão flores — flores singelas e preces saudosas!

«OS SENHORES TÊM LUGAR NA ÚLTIMA CARRUAGEM!»

Aconteceu em Tunes: os passageiros aglomeravam-se junto do apeadeiro e, mal surgiu o combóio, os gritos alegres da multidão invadiu as carruagens. Contaminado, corri também, procurando descortinar as carruagens de primeira classe: passei as duas carruagens de 3.ª, o «fourgon», e logo um descarregador me gritou: — «Os senhores têm lugar na última carruagem!».

Como companheiros de viagem, por sinal bons companheiros, tive o cantor Domingos Marques, Maria Adelina, Luiz Horta e vários outros artistas que tinham andado em digressão pelo Algarve; mais quatro passageiros: dois alemães e duas senhoras.

E a máquina apitando ensurdecedoramente galgava a distância enorme que nos separava do Barreiro, atravessando campos ressequidos, ressonando para lá dos montes, todo o tilintar de ferros posantes, enquanto as casas caídas de branco ficavam para trás como simples brinquedos de criança.

Cantava-se, então, para passar o tempo: a voz harmoniosa de Domingos Marques, fazendo Luiz Horta de «orquestra», entoava a bela



Chelo Alonso — a nova esperança do cinema mundial que Hollywood cobiça.

E, aqui para nós, quem não cobiçará esta beleza exótica?

ESPERA-SE A MELHOR COLABORAÇÃO

♦ DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA PARA QUE O CORTEJO DE OFERENDAS A FAVOR DA MISERICÓRDIA DESTA VILA TENHA OS MESMOS RESULTADOS DO PRIMEIRO

No dia 27 deste mês realiza-se o Cortejo de Oferendas em benefício do Hospital da Misericórdia de Vila Real de Santo António, modelar instituição de fins beneficentes que merece todo o carinho e ajuda de todos os vilarrealenses.

Dado o brilho e os magníficos resultados que obteve o primeiro Cortejo de Oferendas realizado no ano de 1956 nesta vila, espera a Comissão promotora do mesmo que o Cortejo de Oferendas deste ano atinja os resultados do Cortejo anterior.

TEMAS SOCIAIS

A INDIFERENÇA

A INDIFERENÇA é como doença que se contrai por desleixo, por se não querer utilizar as nossas melhores faculdades. Aniquila a vontade, mata o entusiasmo. No entanto, bastaria um momento de lucidez e reflexão para curar tão terrível mal... Mal tão grande que é talvez a única razão de tanta gente passar pelo mundo sem viver nem ajudar a viver os outros.

O indiferente ou é céptico, ou tem falta de sensibi-

(Conclui na 4.ª página)

canção espanhola «Alegre Caravana», enquanto o «rápido» se aproximava, vertiginosamente, do Alentejo.

— 16 HORAS E 14 MINUTOS: A HORA QUE ENLUTOU O ALGARVE!

Passámos por Sabóia, e o «rá-

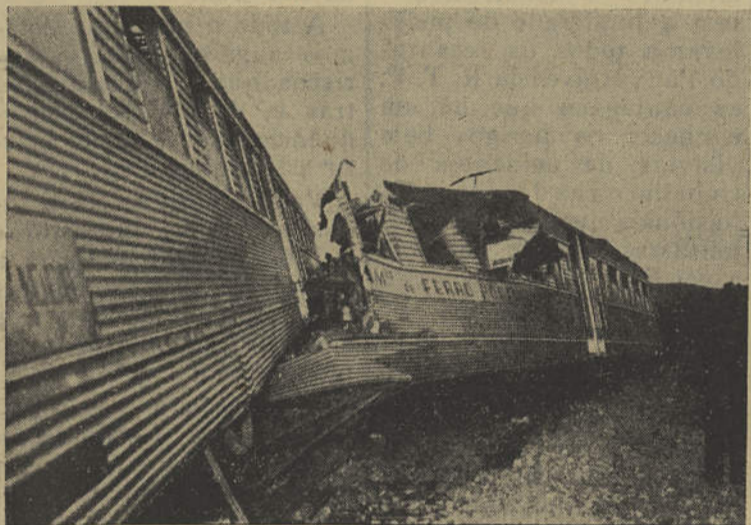


Imagem de ontem, recordada hoje: destroços que mataram muitos sonhos

pido» deixara já para trás o casario disperso para entrar num descampado, aproximando-se do apeadeiro das Pereiras, a poucos quilómetros de Odemira: eram precisamente 16 horas e 5 minutos.

(Conclui na 3.ª página)

UM PESCADOR DE TAVIRA

RESIDENTE EM ANGOLA, QUERIA LIGAR ANGOLA AO BRASIL NUMA JANGADA DE BIDÕES

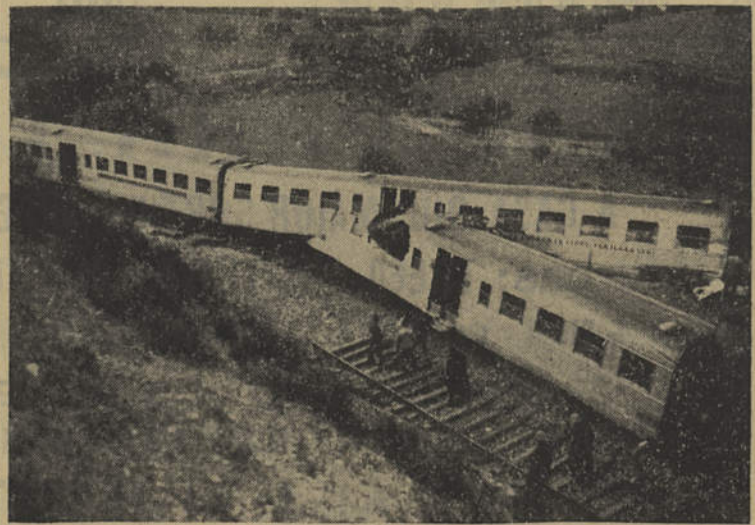
As autoridades da nossa Província de Angola procuram dissuadir o marítimo Tavirense da sua aventura

rais de embarcações de pesca costeira, trabalha numa pescaria, nas imediações da cidade.

Ali foi construindo cautelosamente uma jangada de bidões de óleo. E também punha toda a sua documentação em ordem, com a vista a uma saída absolutamente legal da Província.

A jangada ao fim de algum tempo estava pronta... para atravessar o Atlântico: seis bidões amarrados com arame e uma vela de três metros de altura por dois e meio de largo, com mastro, retranca e carangueja em tubo de

(Conclui na 4.ª página)



O silêncio campestre foi interrompido: a morte viajava no combóio n.º 8.012



A artista inglesa Kay Kendall, há meses doente, acaba de falecer atacada de leucémia. Era casada com Rex Harrison, «astro» da cinematografia inglesa.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

LUÍS C. LUPI

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o Administrador-Delegado da Agência de Notícias «Lusitânia», sr. Luís C. Lupi, que em serviços profissionais se deslocou expressamente ao Algarve.

Com pouca demora encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante e estimado amigo sr. eng. Jorge Manuel Medeiros.

Retirou para Sagres onde vai chefiar o Farol daquela vila, o nosso estimado amigo e assinante sr. António Ferreira Poupá, que nesta vila deixa muitas amizades, facilmente conquistadas pelo seu espírito amável e bondoso carácter.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado amigo e assinante sr. Alvaro Pina Duarte, agora já restabelecido da grave doença que o acometeu e que em devido tempo noticiámos.

Esteve nesta vila a nosso prezado assinante sr. António do O' da Silva, funcionário superior da Caixa Geral de Depósitos em Lisboa.

A passar as férias, encontra-se nesta vila em casa de sua avó, a menina Maria Diamantino Leiria, filha do nosso prezado assinante em Setúbal, sr. Maglório Flores Leiria.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa Redacção o nosso prezado amigo e assinante sr. António Gomes Relógio.

Retirou para Lisboa, depois de passar alguns dias nesta vila, o nosso prezado colaborador e amigo sr. Vitor da Silva Ruivo, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, retirou para Lisboa, onde se dirigirá viagem para Luanda, onde vai fixar residência o nosso querido amigo sr. Eurico Duarte Baltazar, a quem desejamos felicidades.

Casamento

Na Basílica de N. S. de Fátima, realizou-se a cerimónia do casamento da sr.^a D. Mariana Nogueira Antunes Costa, licenciada em Filologia Românica, filha do nosso comprovinciano sr. Sérgio Mateus Antunes Costa e sua esposa sr.^a D. Rita Nogueira Antunes Costa, com o sr. eng. Ramiro da Silva Teixeira, filho da sr.^a D. Olinda da Silva Coutinho e do sr. Joaquim de Azevedo Teixeira.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e, por parte do noivo, seu irmão, sr. Raúl Carlos da Silva Teixeira, e esposa, ausentes em África, que no acto se fizeram representar pelos pais do noivo. Finda a cerimónia, foi servido um fino copo-d'água aos numerosos convidados.

Agradecimento

Alvaro Pina Duarte vem muito penhoradamente agradecer a todas as pessoas que, por diversas maneiras, tão carinhosamente se interessaram pela sua saúde, quando da grave doença que o acometeu.

CONCERTO MUSICAL

PELA BANDA DO MONTIJO

Teve o público de Vila Real de Santo António o grande prazer de assistir na tarde e na noite de 11 do corrente, ao Concerto Musical com que a Banda da Sociedade Filarmónica 1.^a de Dezembro, do Montijo, brindou a nossa vila.

O programa bem elaborado e magistralmente bem interpretado despertou no bom público de Vila Real de Santo António, ainda não esquecido dos tempos áureos das Bandas da nossa vila, o seu amor pela música, pelo que não se regatearam aplausos e vivas durante a magnífica exibição da Banda do Montijo, 2.^a classificada no Concurso Internacional de Bandas Cívicas de Kerkrade, na Holanda.

UMA CAMPANHA NACIONAL

“PREVENÇÃO CONTRA OS RISCOS DO TRABALHO”

«... é indispensável criar no País a consciência da enormidade e da gravidade do problema dos acidentes profissionais e das tremendas consequências económicas e sociais, para — como é imperativo — se poderem obter resultados efectivos e concludentes na matéria» —

SE os portugueses são, em geral, propensos à crítica fácil, aos impulsos derrotistas, a confrontar depreciativamente com as realidades lá de fora o que há ou o que se passa aquém-fronteiras, por outro lado somos tradicionalmente renitentes a aceitar seja o que for que represente inovação, que contrarie os nossos hábitos ou processos rotineiros, que obrigue a substituir por métodos científicos, estruturados pelo estudo e pela experiência, as falazes comodidades do «ao Deus dará» ou o primarismo do sistema que popular e pitorescamente se designa por «meia bola e força».

Assim acentuou o sr. ministro das Corporações e Previdência Social ao inaugurar, em Abril passado, a Campanha Nacional de Prevenção e Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais.

Integrado na Campanha de Prevenção e Acidente de Trabalho, a Junta de Acção Social, do Ministério das Corporações, organizou um Concurso de Segurança no Trabalho, a que podem concorrer todos os Trabalhadores maiores de 14 anos.

De princípio, o concurso terá a duração de quatro meses e funcionará em oito jornadas, cada uma delas com duas fases.

O seu programa, bem aliciente e construtivo — tem a finalidade de poder levar a todos os recantos do País, através da R. T. P. as vantagens que há em conhecer os perigos bem visíveis de acidentes de trabalho ou as doenças profissionais que, de uma maneira assustadora, se estão a verificar.

A iniciativa tomada de uma objectividade e oportunidade bem evidentes, reveste-se, efectivamente, duma acuidade e projecção séria, pois, se debruçarmos sobre tão sério problema, certamente, somos levados a aceitá-lo imediatamente, procurando colaborar na sua solução.

Provado está que, a ausência de prevenção nos meios onde se trabalha e se exerce funções de trabalho, causa danos imensos. Os números que se apresentam nos prejuízos advindos pela ausência da prevenção são, simplesmente, astronómicos!

No ano de 1957, os encargos directos com os acidentes de trabalho, cuja responsabilidade atribuída às companhias de seguros, ultrapassou a casa dos duzentos mil contos (indenizações, assistência médica e medicamentos).

Isto quanto aos encargos directos, pois que, segundo está apurado pelas entidades especializadas no Mundo, os prejuízos indirectos são quatro vezes maiores.

Verifica-se, pois, que os prejuízos nesse ano, sofridos pelos patrões, pelos trabalhadores e pelo País, elevaram-se a um milhão de contos. E isto, porque cerca de um terço dos trabalhadores está protegido pelo seguro.

A existência da preven-

ção, felizmente, vem eliminar quase por completo os acidentes e as doenças profissionais.

Esta Campanha Nacional levava agora a efeito pelo Governo é digna dos mais plausíveis elogios porquanto, ela reduz a um mínimo os prejuízos pessoais e materiais, as suas tristes consequências e os seus reflexos na economia da Nação.

Estes números de acidentes e de doenças que se regista por esse País fora, são de tal ordem assombrosos que, no ano de 1958, em 300 dias de trabalho diário, nas oito horas, se verificaram 276.000 casos. As participações aos tribunais do trabalho, no continente, foram a 1.000 casos de morte nos últimos dois anos — 500 em cada.

No último decénio, os casos de acidentes criados no trabalho, foram à astronómica cifra de 2.500.000.

Nesta Campanha importa aos patrões tomarem parte activa e directa, porque poucas são ainda as entidades patronais que, no nosso País, se compenetraram das vantagens da prevenção contra os riscos no trabalho.

Todos, absolutamente todos, devem colaborar na Campanha Nacional agora em marcha, desde os adolescentes aos da propecta idade. A todos importa defenderem-se dos traiçoeiros riscos que a vida quotidiana nos trás.

A todo o momento estamos sujeitos aos graves riscos que o trabalho nos trás e, de maiores consequências será, senão existir a Prevenção.

Vai-se, portanto, sob todos os meios, intensificar a luta, o combate, para a deminuição de acidentes no Trabalho, e oxalá que ela frutifique para o seu pleno êxito!

A cruzada a que o Ministério das Corporações, por intermédio da Junta de Acção Social, meteu ombros, tem direito a ser coroada dos melhores e mais amplos resultados, por eles serem benéficos para todos: — os Trabalhadores e a Nação.

Em frente, pois!

Luís Sebastião Peres



PROVINCIA

TAVIRA

Circo «Prin Frères»

No passado dia 7 do corrente, deu um espectáculo nesta cidade o bem organizado circo francês que tem estado a correr o País. Tavira também soube corresponder, pela afluência de público, embora o espectáculo fosse caro, mas não se pode exigir mais barato em face das enormes despesas que oneram esta organização. O referido circo ficou instalado no magnífico Campo da Feira, na Atalaia, e pena foi que o recinto, não estivesse preparado para tal. Muito pó, imensa escuridão e também as ruas acessórias ao local estavam com falta de luz e algumas em obras sem o respectivo sinal encarnado, usual em ruas que estão em obras. Estamos a poucos dias da feira anual e francamente foi aborrecido constar estas faltas. Oxalá as reparações em falta não se façam esperar.

A batata subiu de preço

Inesperadamente, e segundo informações dos vendedores, e a título de que a produção local foi es-

AS INDÚSTRIAS DA PESCA E DAS CONSERVAS

(Conclusão da 1.^a página)

da indústria conserveira algarvia para que, com a qualidade do produto, possa continuar a desfrutar posição no mercado internacional. Fez depois largas considerações sobre a política de não interferência do Estado nas organizações privadas, ao contrário das nações de tipo socialista, razão por que — disse — não considerava recomendável que fosse o Estado a impor os preços, a garantir a distribuição e a criar as marcas. Era contudo função e obrigação do Estado apoiar e estimular as iniciativas particulares, motivo porque entendia — acentuou — dever estudar-se, neste momento a crise da indústria da conserva de peixe.

LUSO FUTEBOL CLUBE

Fundado em 1920

BARREIRO

Ex.^{mo} Senhor

Gerente da Pensão Mateus

Vila Real de Santo António

Sobre o pedido de V. acerca da maneira como fomos recebidos em devido tempo por V. informamos que segundo testemunho dum director da gerência anterior e que acompanhou a nossa equipa a essa vila, quando do encontro de futebol com o Lusitano, tinham ficado bastante satisfeitos da maneira gentil como foram recebidos, não só pela maneira simpática e cativante do seu proprietário e pessoal como também pela esplêndida mesa e quartos asseados, a um preço tão acessível.

Por isso, esperamos aproveitar a pensão de V. em futuras deslocações da nossa equipa.

Subscrevemo-nos com elevada consideração e estima.

De V. Ex.^a

Atenciosamente

Pela Direcção do Lusó Futebol Clube

Rui Francisco G. Cerqueira

VENDEM-SE

AS SEGUINTES VÁRZEAS

Uma no sítio do Tojo ♦ Uma no sítio da Retorta ♦ Duas no sítio da Foz

Dirigir oferta em carta fechada

Goronel Figueiredo Valente

Calçada da Tapada, 63-2.^o Esg.

LISBOA

LÃS PARA TRICOT

A CASA QUE MAIOR SORTIDO APRESENTA EM LÃS

Marcas: TWEED, SHETLAND, AUSTRALIANA, RUBY, ANGORÁ

LINDA COLECCÃO DE ALGODÕES MERCERIZADOS

PERLOPONS E RÁFIAS

CORES GARANTIDAS—ENVIAM-SE AMOSTRAS

PEDIDOS A: J. A. MONTEIRO, LDA.

RUA AUGUSTA, 250-2.^o DT.^o — LISBOA

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António

De 4 a 10 de Setembro

TRAINEIRAS

Brisa	30.350\$00
Vulcão	16.060\$00
Tufão	10.546\$00
Conceicanita	7.940\$00
Flor do Sul	7.785\$00
Triunfante	7.230\$00
Liberta	3.810\$00
Maria Rosa	3.490\$00
Norte	3.470\$00
N. ^a Sr. ^a da Piedade	2.570\$00
Pérola do Guadiana	120\$00
Total	134.247\$00

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 4 a 10 de Setembro

Entradas:

NAVAFRIA, Espanhol, de 971 ton., de Corunha, vazio.
MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Leixões, com carga em trânsito.
MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.
MOLENSINGEL, Holandês, de 500 ton., de Fedala, vazio.
MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:

MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.
GRANDSON, com conservas, para Génova.
NAVAFRIA, com minério, para Saint Maló.
MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.
MOLENSINGEL, com alfarroba para Avonmouth.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 12 a 18 de Setembro a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

PRAIA DE ARMAÇÃO DE PERA

Nesta Praia, que continua sendo uma das mais concorridas do Algarve realizou-se na passada quinta feira com invulgar concorrência o concurso dos azeitais, tendo os 1.^o, 2.^o e 3.^o prémios sido atribuídos às gentis meninas Maira Tereza de Araújo Neves Franco, Maria Isabel Figueiredo Brito e Cunha e Rosa Maria Pestana que envergavam artísticos azeitais, representando, respectivamente, (Chaminé Algarvia), (Girassol) e (Preta).

Na próxima terça-feira o consagrado artista D. Vicente da Câmara dará, gentilmente, uma Sessão de Fados, cujo produto se destina a fins de assistência.

Também está despertando o maior interesse a noite de 17, consagrada, aos Jogos Florais, sendo as produções já recebidas de todos os pontos do País em elevado número.

NOTÍCIAS DO ULTRAMAR

(Conclusão da 1.^a página)

Porto Alexandre — Pelo vapor italiano «Lagna» foi exportada para Génova 1.576 toneladas de farinha de peixe, seguindo também para o Congo Belga e Mata-di 3.045 malas de peixe fresco, avaliados em 476 contos.

S. Tomé — Foi de 37 toneladas a quantidade de pescado desembarcado nas praias de S. Tomé, durante o mês de Julho último, no valor de 107 contos.

Cidade da Praia (Cabo Verde) — tem chovido com relativa abundância na área da freguesia de Santo António das Pombas o que permitiu o início das sementeiras.

Luanda — Durante o semestre do corrente ano entraram e saíram de Angola, pelas fronteiras marítimas, aéreas e terrestres, respectivamente 2.279 e 1.737 passageiros.

Benguela — O Governador do Distrito dr. Fernando de Sá Viana Rebelo visitou Cubal e Cai-bambo, inteirando-se de todos os assuntos de interesse para o distrito.

(Noticiário fornecido pela Agência Lusitania).

PARA MATAR SAUDADES

A AERONÁUTICA MILITAR NO MEU DIA DE ALISTAMENTO

LEMBRO-ME ter feito, há muitos anos, quando vivia mais de perto os problemas da Aeronáutica, um artigo sobre como encarava essa Arma modelo então ainda pouco desenvolvida comparando-a aos nossos dias. E lembro-me porque a senti, correu-me nas veias todo esse bolicoso desejo de lhe pertencer, de ser alguém nessa já gloriosa Arma modelo. Senti pela Aeronáutica uma ansia difícil mesmo de explicar, um amor de mocidade. Já lá vão 12 anos quando esse meu primeiro artigo fez brado num jornal da província. Foi por assim dizer o símbolo, a luz que iluminaria esse caminho de ser um componente da Aviação Militar. Vibrei quando escrevi. Olhei-me de pé posto na Granja do Marquês. Senti-me realmente senhor do que tinha escrito. Eram os verdes anos... De tudo aquilo, ainda perdura a grande paixão da Aeronáutica.

Já lá vão 12 anos que numa manhã de 8 de Outubro fui na verdade alistado na Aeronáutica. Já antes me tinha submetido a rigorosa inspecção médica que nem sei como passei! Libertei-me enfim dessas normas por ter dado os índices desejados. Foi um dia invulgar que jamais esquecerei.

Mas quero contar aqui a marcha de 8 de Outubro, a marcha da felicidade desde Sintra à Granja do Marquês, nessa manhã de 8 de Outubro de 1948.

O trajeto foi feito a pé e que belo foi... A manhã não era muito alegre, mas um ar vinha que a limpava de maneira que o sol se descortinava por detrás de uma neblina. A serra estava cortada com um nevoeiro. Segui o trajeto, nada o poderia interromper e o dia não era mau para caminhar. Era um passeio breve onde conquistei mil felicidades. Olhei o céu e nele vi minuciosos aviões, lá no fundo do céu, saltitando, de nuvem para nuvem — pareciam papelinhos soltos ao vento e à mercê do sol que os transformava em espelhos muito luzidios. Aproximava-me da Base que ficava num além perto... Encontrei outros camaradas que tomavam idêntico rumo. Cantávamos. Falávamos de projectos, das nossas famílias, das terras. Sonhávamos então com tudo o que nos envolvia de belo mistério. O vento soprava agora de forma a limpar a manhã. A serra estava limpinha. Os aviões aproximavam-se de nós e numa mansa aterragem vieram quase ao nosso encontro — ali junto à ponte do rio que passa por dentro da Base.

Foi um instante, 15 minutos e os 4 quilómetros que distam de Sintra à Granja estavam engolidos sem dificuldades.

Chegara a hora, o minuto de penetrar na Base. Um soldado de alerta ao centro do portão que dá para a estrada nacional, disse: documentos? Pronto! Ai o tem... Pode entrar. E o mesmo sucedeu aos camaradas de viagem que traziam os mesmos intentos.

Sentei-me depois numa escadinha onde aguardei a chamada com os outros. Eramos já 70. Todos animados. Trocávamos então abraços, breves conversas para momentos depois, numa união, nos chamarem e daí partirmos para o soberbo almoço. Meio-dia. Depois do almoço nova chamada para entrega do fardamento e daí, muito atenciosamente nos deram a conhecer as nossas instalações e nos mostraram todo o quartel. Ainda fomos jurar bandeira no gabinete do Comandante. Visitámos creio que tudo: hangares; enfermaria, sala de paraquedas, salas diversas destinadas às aulas de motores, bombardeamento, matemática e física, pilotagem, rádio, navegação, oficinas excelentemente apetrechadas, messe, sala de jogos e cantina, parque de desportos, piscina, cozinhas, repartições diversas, etc., etc.

Nessa tarde nada mais houve. Sentados, agora já feitos militares, nuns bancos muito próximos do monumento ao Aviador Castilho, apreciava então os belos recortes geométricos que os aviões descreviam. O céu era uma folha de papel onde se desenhavam figuras iguais às que nos ensinaram nos bancos da escola. O instrumento de desenho é que era bem diferente. Ali não havia compassos, tiralinhas, régua. Um avião comandava as operações naquela folha de papel azul. Sobem um, sobem dois, sobem três... O céu estava cheio de aviões e os nossos olhos dançavam naquele baloiçar. Agora uma «Tiger», logo um «Avro», depois um «Spitfire», a manobrar como um rei no seu palácio. Foi um delírio, a tarde de 8 de Outubro e outras lhe sucederam.

Ao fim da tarde, depois do jan-

tar, fomos informados de que o nosso horário de aulas estava já exposto no Centro Escolar, na Torre de Comando. Para lá caminhei. Das 6,30 às 18 horas tudo ocupadíssimo. O estudo era muito. Recordo ainda algumas disciplinas: educação física, motores de aviação, aulas nos hangares, matemática, física, oficinas e serralharia, preparação militar e rádio e pilotagem para os da especialidade.

Mas vinha dizendo que fiz um artigo há muitos anos sobre o que me era inédito mas disso queria entender, sobre a necessidade de desenvolvimento da Arma. E foi mesmo essa intenção. Vivi nesse artigo tudo que de belo tem uma alma jovem, a verdade, a paixão por tudo, a garra que me dominava nessa admiração pela Aeronáutica.

E agora que artigos não faria. Agora que à Aeronáutica está confiada uma grande missão.

A Aeronáutica Militar tem sofrido desde longa data os mais belos benefícios, edificando, disciplinando, controlando, e dando uma maior certeza nos caminhos do ar. A camaradagem que lá se vive é entre outras virtudes a que mais recordo.

Foi um ápice todo este meu relato de saudade. Entretanto chegaram os aviões a jacto que só conheço mecanicamente — e que pena tenho de não chegar a voar num...

Valorosa como sempre, a Aeronáutica Militar será sempre aquela Arma em que nos habituámos a distinguir como modelo, como glória desde um Gago Coutinho até aos tempos dum Costa Macedo.

Muito se tem feito e com proveito para o mais digno ideal que não deixarei de o patentear a meu filho.

Francisco Cota



DESPORTO

FUTEBOL

O LUSITANO F. C. EM ESPANHA

Perante numeroso público, disputou-se no passado domingo, na cidade espanhola de Huelva, um encontro amigável de futebol entre as equipas do Recreativo de Huelva e do Lusitano Futebol Clube, que foi presenciado com grande interesse.

Ao intervalo, o resultado era já de 4-1.

As equipas alinharam da seguinte maneira:

RECREATIVO — Zumalana; Simo, Roman e Padilha; Vilegas e Manolin; Anto, Nelles, Quirro, Echeandia e Santa Maria.

LUSITANO — Padilha; Mendes, Antunes e Gonçalves; Padesca e Travaços;

Parra, Mascarenhas, Bello, Torres e Ramires.

Na equipa do Lusitano, Campinas, Damião, José Pedro e Jaruga, substituíram, respectivamente, Padilha, Mendes, Antunes e Bello.

Os portugueses foram os primeiros a marcar, por intermédio de Torres, com um excelente golo aos 8 minutos de jogo.

Os tentos dos espanhóis foram obtidos da seguinte maneira: Quirro, aos 12 e 16 minutos; Santa Maria, aos 27; Quirro, aos 35 e Padilha, aos 60 e 85 minutos.

Não queremos deixar de salientar a forma carinhosa como os atletas e dirigentes do Lusitano F. C. foram recebidos naquela cidade espanhola e a correcção com que o jogo foi disputado.

Na passada quarta-feira, dia 9, o Lusitano voltou a deslocar-se a Espanha, desta vez a La Palma del Condado, onde voltou a ser derrotado por 2-0, frente ao clube local.

Ao intervalo o resultado era de 1-0 — C.

OUTROS RESULTADOS DE EQUIPAS ALGARVIAS

- Em Olhão: Olhanense, 1 — Ayamonte, 0
- Em Portimão: Portimonense, 1 — Farense, 4
- Em Alentejo: Ayamonte, 2 — Olhanense, 1

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

A MORTE VIAJAVA NO COMBÓIO 8.012

(Conclusão da 1.ª página)

O silêncio reinava na última carruagem de 1.ª classe: dormitava-se. Nas de 3.ª classe, comia-se e tocava-se harmónio. Nós sentíamos, porque vinha roçar-nos os tímpanos, essa alegria sã e despreocupada de gente simples vinda dos campos.

Depois, fomos sacudidos como se caíssemos num poço de ar: olhámo-nos e através das vidraças perscrutámos a serra nua fronteiriça. O «rápido», velozmente, numa correria desenfreada, desafiava a própria Natureza. A máquina concebida e conduzida pelo homem venciu o espaço, reduzindo cada vez mais a distância, mas inesperadamente surgiu um ponto final em tudo isto. Inesperadamente as composições foram sacudidas como se os elementos da Natureza gritassem: — «Pára, louco, pára!». E ele parou, depois de ter bailado sobre os carris, arrancando-os e espedaçando-os, como simples folhas mortas. E a máquina, fumegante, debatendo-se já nos braços da morte, encontrara apoio numa barreira de 5 metros, arrastando consigo o «fourgon» e as duas carruagens de 3.ª, que se enfiaram. Depois, reinou um silêncio álgido.

Um frio macabro percorreu-nos e amordaçou-nos: momentaneamente, não conseguimos compreender por que estávamos no chão, tombados, apáticos, manietados por um terror que nos gelava a alma. Que foi? Por que estávamos para ali, ajoelhados, uns, estirados, outros, olhando para tudo, aterrorizados?

A resposta era simples: o «rápido» tinha descarrilado!

Sim, a resposta foi fácil de compreender, porque até nós chegava já um caudal de gritos, de berros sobrenaturais, lamentações angustiosas, que calavam bem fundo no nosso coração. Ali estavam, sob ferros torcidos e amolgados, corpos mutilados, desfeitos, irreconhecíveis, que os vivos tentavam, de balde, dar ainda um sopro de vida. E junto das composições desmanteladas havia corpos ainda com vida, debatendo-se, tentando agarrar a vida com mãos ambas, enquanto outros, já cadáveres, cediam a vida à morte, levando no rosto a dor e a angústia dos que morrem longe dum beijo ou dum abraço amigo.

Nesta hora triste, enquadrada pela paisagem campestre, o homem não foi egoísta: lutou pelo seu semelhante; acorreu ali, para auxiliar um pobre que se debatia; rasgou a própria camisa e, em tiras, utilizou-a como ligaduras; e num esforço supremo correu, palmilhou quilómetros, feriu-se, esgotou-se, para dar a triste notícia na povoação mais próxima para

que o mundo exterior soubesse da tragédia que o descampado albergava.

E a notícia correu célebre como chama de pólvora: o «rápido» havia descarrilado às 16 horas e 14 minutos! Quantos morreram? Porque descarrilou o combóio? Teria embarcado o meu filho? E minha mãe? E minha filha? E... Não; ninguém soube responder a estas perguntas. A morte viajava no combóio 8.012 — e nós tivemos tempo de compreender, na espera a que fomos obrigados até chegarem os socorros e o combóio de Beja, que as respostas concretas estavam ali sepultadas nos escombros metálicos e gravadas dolorosamente no rosto dos vivos!

— TERREIRO DO PAÇO: 5 HORAS DA MADRUGADA

O barco sobre o Tejo, faziamos baloiçar. Pensava assim acarinhando a nossa dor. Além, as luzes de Lisboa, trémulas e fugidias. E nós pressentimos que, ao avistarmos de mais perto o casario silencioso, que era bem fraca a condição humana. Quantas almas dormiam desconhecendo a tragédia? Que ansiedade e incerteza haveriam na estação do Terreiro do Paço? Paradoxos da vida a que a Morte não era totalmente estranha.

Ali sim: aguentando a pé firme durante horas plenas de incerteza, estavam os que haviam sofrido em silêncio — ali, na estação pejada de gente, que gritava, louca de dor, desvaída, agarrando entre as mãos, e apertando contra o peito, os que eram carne da própria carne, ou simplesmente, amor e razão da própria existência. Gritos de sangue e lágrimas. «Meu filho!» ou este mais profundo, ainda mais belo: «Minha Mãe! Querida Mãezinha!». E deram-se os mais sentidos abraços que somente se podem dar numa vez na vida: quando a morte nos roça levemente pelo rosto e se afasta para bem longe!

Depois — como tudo é banal! — as luzes da cidade apagaram-se e os pregões dos jornais inundaram-na de tristeza. Não havia já indiferença: em todos os corações perpassou um sentimento maguado por os que ficaram sepultados para todo o sempre — mas a Vida tinha que continuar. E continuou. A cidade despertou para mais uma luta, igual a tantas outras.

Faz hoje 5 anos que o Algarve se cobriu de luto. A vida continuará, na terra e no mar, enquanto houver um homem indomável; mas recordemos que este 15 de Setembro não pode ser considerado uma banalidade na história das coisas sem história. O Algarve não esqueceu ainda esse painel de tintas sangrentas que um pintor maldito immortalizou numa tela maldita. Que o digam, esses, os vivos, nós próprios que assistimos, que gritam desvaídos agarrados à poeira do passado já transformada em saudade!

Que neste dia haja um ramo de flores e uma só lágrima, na campina dos que o Destino atraçou tão ingloriamente, como simples preito de homenagem aos mortos do combóio 8.012!

Emílio Valongo

EXTERNATO FARENSE

(PARA MENINAS)

Ensino INFANTIL, PRIMÁRIO OFICIAL

Situado no Centro da Cidade

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS QUE TERMINAM, SEM MULTA, EM 15 DE SETEMBRO

LARGO DE SAO PEDRO, 12

Telefone 290

FARO

O FOSFATO THOMAS AO SERVIÇO DA LAVOURA

NOVA CAMPANHA CEREALÍFERA

A adubação mais rica é aquela que provendo a melhor colheita acumula ainda na terra elementos nutritivos que em cada ano aumentam a sua fertilidade.

A terra só pode ser generosa quando a tratam acertadamente e assim quem emprega

FOSFATO THOMAS

AGERTA NA ADUBAÇÃO MAIS CONVENIENTE

Senhor Lavrador...

Ajude-se a si mesmo. Exija o FOSFATO THOMAS ao seu fornecedor

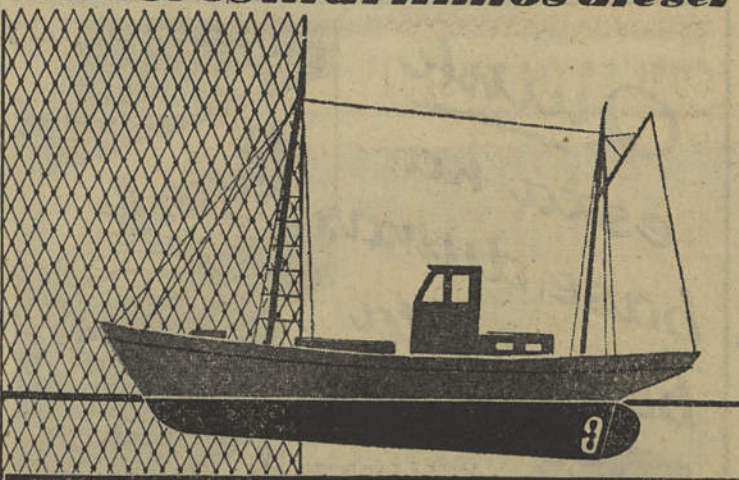
O FOSFATO THOMAS

deve estar à venda em toda a parte

Agradecimento

António Gomes Relógio tem o prazer de tornar público o acto de honradez da menina Maria da Encarnação Viegas Parda, empregada da Pastelaria Império, que lhe entregou um sobrescrito com 500\$00, que horas antes havia perdido e o qual já dava por completamente desaparecido.

motores marítimos diesel



MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:	
OM 636	34 H.P. — 3.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. — 1.200 R.P.M.
203 B	90 H.P. — 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. — 1.200 R.P.M.
MB 846	225 H.P. — 1.500 R.P.M.



REPRESENTANTES C. SANTOS LDA. LISBOA — COIMBRA — PORTO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Pelo nosso Redactor-Delegado em LISBOA — EMÍLIO VALONGO



VERIFICA-SE uma despersonalização desmoralizadora no indivíduo actual que se mergulha num «snobismo» cético; há uma certa afinidade entre essa falta de personalidade e o característico automático a que se liga a materialidade dos nossos tempos.

O impessoalismo dos de tempos passados, assentaram arraias neste agitado ano de 59, apesar de opiniões contrárias. Não se encontra — e é cada vez mais raro — aquele pessoalismo de indivíduo a par de uma personalidade bem formada; é difícil. Abunda, sim, e cada vez mais, o tal hipócrita «eu», ligado ao sistema mecanizado de seguir na rota de outro.

Faz-me lembrar um rebanho: tu vais, eu vou; tu matas, eu mato. Quer dizer: a mecanização do indivíduo é flagrante; não há, positivamente, vontade própria. O empregado é espinhado pelo patrão, porque aquele necessita deste; o pai humilha o filho, porque está em plano superior; e o fraco verga as pernas sob todos, porque não tem coragem de enfrentar os factos.

A INDIFERENÇA

(Conclusão da 1.ª página)

lidade. Dos dois o céptico é o pior. O céptico tornou-se insensível por falta de coragem e generosidade. Deixou-se vencer pelas desilusões, deixou de ter fé porque se pegou a coisas mesquinhas e não soube ou não quis elevar o coração e o pensamento para além de interesses pessoais. Enfim, não deixou que no seu coração entrasse o amor, Amor com A grande, aquele que se não limita ao nosso pequenino, mas abraça a tudo e a todos.

O verdadeiro amor não se conforma em viver em casas com portas e janelas que se abrem ao prazer e se fecham ao frio da desgraça... Ele só pode viver em corações generosos, sempre abertos, onde chegue sem demora toda a visão, todo o rumor da vida...

Na verdade, um coração onde habite o verdadeiro não tem fronteiras: Tudo lhe interessa, vibra com igual intensidade com a tristeza ou a alegria. Está sempre pronto a voar para onde houver tristeza para a partilhar e remediar na medida do possível, e a contemplar enternecido a alegria pura e sã.

Quem a tudo é indiferente, excepto a si própria e aos seus particulares interesses, é uma espécie de fantasma... Já nada tem que fazer neste mundo.

Ana Rolão Preto M. Abano

PRECISA-SE

Criada de 30 a 40 anos, que saiba cozinhar.

Rua Dr. Oliveira Salazar, 33.

FUZETA

Anuncio neste jornal de grande expansão em todo o País.

UM PESCADOR DE TAVIRA

RESIDENTE EM ANGOLA

queria ligar Angola ao Brasil numa jangada de bidões

(Conclusão da 1.ª página)

ferro zincado. Tinha um leme de latão e, a reboque, outro tambor destinado a água doce.

Os primeiros seis bidões tinham aberturas frágilmente tapadas com lonas... e serviram para os mantimentos da viagem, entre os quais não faltavam sequer cigarros. E no bidão da «ré», confortável cabina de comando, onde tomaria lugar o candidato a navegador solitário.

No entanto quando tudo estava pronto para a aventura, foram descobertas nas pescarias as intenções do Hermenegildo e comunicaram às autoridades marítimas que apreenderam a jangada e aconselharam o aventureiro a desistir da sua arrujada iniciativa. (Lusitania)

FISCALIZAÇÃO DA PESCA

NA continuação de intensa acção repressiva aos arrastões estrangeiros que tantos danos causam na nossa costa destruído, por vezes, e único ganha-pão de modestos pescadores (murejonas, alcatruzes, etc), a vedeta «BICUDA», da Esquadriha Fiscal do Sul, sob o Comando do 1.º tenente sr. Luís Fernando de Vasconcelos Pequeto Cortez Pimentel apressou no passado dia 6, o arrastão espanhol «Mi Juan Manuel» de 9 toneladas, da praça de Isla Cristina, que se encontrava em exercício ilegal de pesca, pelas 7,30 horas dessa dia, em águas jurisdicionais portuguesas, a cerca de 5 milhas da costa, nas imediações de Monte Gordo.

O mestre da embarcação foi julgado no dia 7, na Capitania do Porto de Faro, sendo condenado nos termos da lei. O julgamento foi presidido pelo sr. Capitão de Fragata Américo das Neves Pacheco, na qualidade de Capitão do porto de Faro e Comandante da Esquadriha, assistido o sr. Armando Gonçalves, chanceler do Consulado de Espanha, na ausência, por motivo de doença, do respectivo consul.

EM PORTIMÃO

Lela o «NOTÍCIAS DO ALGARVE» no CAFÉ NACIONAL

e na BARBEARIA DESPORTIVA

(de João Bonito)

TINTAS EXCELSIOR

Tintas para a Construção Civil



AS MELHORES TINTAS PARA NAVIOS DE PESCA E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA

Telefone 12

VAI A LISBOA?

VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS

NOS VASTOS SALÕES DE

MÓVEIS JANEL

NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76 - A

AQUILINO RIBEIRO diz que se impõe construir a moradia do professor quando se ergue a escola

LAIA de parábola, conta o escritor Aquilino Ribeiro, em editorial do «Século», a história da professora que chegou à aldeia para ensinar e que, a par do novo edifício escolar, teve a maior dificuldade em arranjar moradia adequada para ela.

Na aldeia — diz Aquilino — estava o edifício da série dos Centenários «num local airoso, com o seu telhado rubro que nem uma rosa da Alexandria, as suas empenas de granito trabalhadas à escoda, as janelas amplas, bêbedas de luz, os alpendres providenciais e a porta da entrada em arco, larga, quase triunfal para a estrutura, convidando a entrar os meninos, os pais dos meninos, e o sol messere frate, como S. Francisco lhe chamava com afecto e ao mesmo tempo deferência. Tudo sobre o modesto, mas afável e irradiando simpatia.

Acentua, depois, que «hoje em dia sempre que se montam serviços especiais, se lançam os fundamentos de qualquer ordem nova, empresa, barragem, exploração mineira, fábrica, constróem-se instalações próprias para o pessoal» e apresenta vários exemplos portugueses.

Assim, escreve: «Na barragem do Picote edificou-se uma aprazível aldeia; na barragem do Távora está a edificar-se outra».

Que tudo vem a seu tempo, dá a entender, em seguida, Aquilino Ribeiro, que se refere também à luta contra o analfabetismo, dizendo:

«Nesta luta contra o analfabetismo, que tem sido persistente e eficaz, omitiu-se este pormenor, que afinal só reverte ao activo do professorado primário e dos seus agentes. Mas será tempo de ocorrer a uma tão depressiva lacuna. Nas aldeias serranas, bárbaras, sujas, sem higiene, a desbastar em sua grosseria primitiva, forçoso é que se construa a casa para o professor. Precisam-se residências próprias em toda a parte onde há uma escola primária. Mas aquelas terras pobrinhas, para que a missão de professor possa surtir o efeito desejável a bem de todas as morais do corpo e da alma, em nome da própria Humanidade, impõe-se como uma exigência clamorosa que escola e moradia se façam simultaneamente. Está no espírito dos governantes — dir-se-á — se não na lei e lá se irá a seu tempo. Esta necessidade, porém, não comporta amanhã, conclui-se por todas as razões e sempre mais uma».

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

SINTRA «A BELA ADORMECIDA»

(Conclusão da 1.ª página)

afastava-se cada vez mais. Houvera, com certeza, engano, ao escreverem-nos o nome da rua. Entrámos num «bistro» — que, por acaso, não era de esquina — e perguntámos pelo teatro. Responderam-nos: «voilà». Era o edifício em frente. Qualquer cinema, com um nome qualquer. Mas a um dos lados havia um pequeno letreiro, onde se lia o nome desejado: Théâtre Collisém. Avançámos para a bilheteira a trocar o nosso bilhete de agência. Não havia ninguém, apesar de estar na hora de principiar o espectáculo. Eis o princípio de lonesco, pensamos. Por fim, lá surgiu uma senhora que nos trocou os bilhetes, nos vendeu o programa e nos conduziu ao nosso lugar. E então compreendemos. O seu papel era também de arrumadora. Sentámo-nos, lançando um olhar em volta. O que pomposamente se chamava Théâtre Collisém era um corredor. Corredor largo, sim, onde cabiam talvez umas dez ou quinze cadeiras em fila, mas corredor com um palco minúsculo ao fundo, por onde se subia por um escadote com três degraus. Os lugares seriam, ao todo, uns cinquenta e a assistência presente no fim da primeira peça era exactamente de dezasseis pessoas. Em Paris, em plena estação de teatro, dezasseis pessoas interessavam-se naquela noite pela obra do revolucionário lonesco. Foi por isso mesmo com uma ternura imensa que ouvimos os actores dizerem os seus papéis naquele palco minúsculo onde quatro pessoas dificilmente se moviam. E foi com imensa pena do seu esforço incompreendido que ouvimos os fracos aplausos da reduzida assembleia que os escutava.

Ficámos, pois, muito contentes,

UM EXEMPLO

(Conclusão da 1.ª página)

Todos os dias chegam a Vila Real de Santo António turistas estrangeiros que procuram o «Grande Hotel Guadiana», que continua a constar nos guias turísticos das grandes empresas de Turismo da Europa. Até quando se manterá o encerramento do Hotel Guadiana?

Pensem as autoridades que superintendem no turismo da nossa vila na frase de António Ferro, o grande impulsor do turismo nacional: Não se calcula a importância social, civilizadora, que pode ter um Hotel, bem orientado em qualquer cidade ou em qualquer vila. Se há cidades que fazem hotéis, há hotéis que fazem cidades...

quando, agora, em Sintra, ouvimos mil e tantas pessoas — dizem-me que a lotação do Carlos Manuel é de mil e quinhentas pessoas e não havia um lugar vago — aplaudiram entusiasticamente lonesco e os seus intérpretes, alguns precisamente os mesmos que no palco minúsculo de Paris tão pouco compreendidos foram naquela noite. Contentes por eles e por vermos que afinal o público português — segundo muitos tão afastado do teatro — se entusiasma francamente por aquilo que, em França, pouco mais é do que tentativa e quase se limita a teatro de algebeira. Os artistas agradeciam verdadeiramente comovidos a este público que tão bem compreendia o teatro mais audacioso dos últimos anos, a este povo que talvez até lhes parecesse mais avançado em arte do que o francês. Verdade seja que, aqui muito para nós, os aplausos talvez em algumas pessoas significassem mais «snobismo» do que compreensão. Pelo menos no caso de «Les chaises», em que se ouviu tosse persistente em muitos dos espectadores. Ora a tosse é — quer queiram, quer não — indício de aborrecimento.

Já dissemos o que pensávamos do teatro de lonesco quando do festival com que Luís de Lima nos brindou. A's comédias chamadas lonesco dramas-cômicos; as tragédias, farças-trágicas; aos dramas, pseudo-dramas. Ao contrário dos clássicos helénicos, que sempre afastavam a morte da cena por inestética, lonesco sempre nos dá um crismesinho ou um suicídio, ao vivo, no velho estilo dos dramas chamados de «fada e algarida». Fora disso, é um dramaturgo cheio de talento, que conserva fresca a memória de criança, com os seus brinquedos, os seus desvarios, as suas fúrias — e os põe em cena sem a preocupação da lógica, do enredo ou da verdade. Qualquer criança pode ir ver uma das peças sem se aborrecer. E' o seu mundo que está ali. E talvez até nos explique as passagens que nos estão confundindo. A' pergunta se lonesco ficará célebre na história do teatro contemporâneo respondemos, porém, que talvez não. Ele retrata-se mais a si próprio do que ao povo e, regra geral, só as peças que retratam as virtudes ou os defeitos dos povos resistem ao passar dos anos e dos séculos. Os exercícios do absurdo de lonesco e a uniformidade da confusão — embora os mesmos absurdo e confusão que estão dentro das nossas almas — talvez não sejam o bastante para enriquecerem ou sequer definirem a literatura dramática dos nossos dias. Depois, dentro do pouco que conhecemos da obra de lonesco, fica-nos a impressão de que já começa a repetir-se com as mesmas mortes, os mesmos paradoxos, os mesmos efeitos da ausência. A «trouvailla» das cadeiras que se amontoam vazias em «Les chaises» é repetida nas muitas chávenas que chegam, uma a uma, para quatro pessoas, em «Victimes du devoir»; o amor absorvente da esposa na primeira das duas peças — como que uma alegoria ao amor maternal frustrado — repete-se na segunda, embora em sentido à primeira vista diferente.

Entre a companhia luso-brasileira de Luís de Lima e a francesa guiada por lonesco não há diferenças profundas e se, na «Lição», preferimos a interpretação francesa, em «Les chaises» foi superior e muito a de Luís de Lima. Julgámos então que à tosse persistente de alguns espectadores dera causa talvez um a desenrolar de acção um pouco lento. A tosse persistente dos espectadores do Carlos Manuel mostra-nos que o defeito é da peça e não dos intérpretes. A brasileira Camila Amado, com a sua figurazinha gentil, a sua voz suave, o seu jeito terno e humilde da mais dura feminilidade, foi muito superior nas «Cadeiras» a Tsilla Chelton, sem dúvida uma grande artista, mas masculinizada em demasia e com a voz muito gritada — enfim, talvez pouco fisicamente para o papel da terna mulherzinha-mãe-amante que vê no velho marido o mais importante de todos os homens — capaz de ser chefe de qualquer coisa — mas, ao mesmo tempo, a mais desamparada de todas as crianças.

Noémia Gil Faria

Visado pela Comissão de Censura

HIPOTECAS

Sobre propriedades rústicas e urbanas, a 6%. Longo prazo.

M. Palma & Silva, Lda.

Rua de S. Nicolau, 59, 2.º

Telefone 36 67 68

LISBOA

Quink está na base duma boa escrita



Quink é a única tinta que contém Solv-X — não seca nem corrói e vai limpando a caneta à medida que escreve.

À venda: Quink Permanente em muitas cores e a famosa Royal Blue Lavável.

